

MENSAGEM POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO DO 40º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO “NOSTRA AETATE”¹

Dom Walter Cardeal Kasper²

RESUMO

O documento que o Concílio Vaticano II promulgou há quarenta anos, e que tem o nome de suas palavras iniciais “Nostra Aetate”, que significam “Em nossa época”, é realmente um documento para o nosso tempo. Após as horríveis experiências da “Shoah” “em nossa época”, esse documento introduziu uma nova era no relacionamento entre judeus e cristãos.

Palavras-Chave: Concílio, Cristãos.

ABSTRACT

The document that the Vatican II council has published forty years ago,

¹ Palestra proferida pelo Cardeal Walter Kasper no Theatro Municipal de São Paulo, no dia 25 de Setembro de 2005, Comemoração do 40º. Aniversário da Declaração Nostra Aetate.

² Nasceu em Heidenheim / Renz, Alemanha. Ordenado sacerdote em 1957, na Diocese de Rottenburg-Stuttgart. Defendeu tese de doutorado em Teologia na Faculdade de Teologia de Tübingen. Recebeu habilitação com a tese sobre filosofia e teologia da História a partir da última obra do filósofo Schilling. Professor de Teologia Dogmática nas Faculdades de Munster e Tübingen. Ordenado bispo de Rottenburg-Stuttgart em 1989. Em 1994, co-presidente da Comissão Internacional para o Diálogo Católico-Luterano. Em 1999, nomeado Secretário e em 2001, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Neste mesmo ano foi acolhido, por João Paulo II, para o Colégio dos Cardeais.

with the name of its first words "Nostra Aetate", and which means "in our times", is really a document for our days. After the horrible experiences of the "Shoah" in our time, this document introduced a new era in the relationship between Jews and Christians.

Key-Words: Council, Christians.

INTRODUÇÃO

É com imenso prazer que participo deste concerto por ocasião do 40º aniversário de um dos documentos fundamentais do Concílio Vaticano II, e considero uma grande honra ter sido convidado por vocês através do meu amigo Rabino Sobel, para dirigir-lhes algumas palavras nesta oportunidade. Saúdo a todos, do fundo do meu coração.

O documento que o Concílio Vaticano II promulgou há quarenta anos, e que tem o nome de suas palavras iniciais "Nostra Aetate", que significam "Em nossa época", é realmente um documento para o nosso tempo. Após as horríveis experiências da "Shoah" "em nossa época", esse documento introduziu uma nova era no relacionamento entre judeus e cristãos.

Sem esse documento eu não estaria aqui diante de vocês nesta tarde; sem esse documento a atual amizade e colaboração entre muitos judeus e cristãos não teria sido possível; sem esse documento, que estabelece uma nova base para a frequentemente difícil história de judeus e cristãos nos últimos 2000 anos, o mundo não seria hoje o mesmo, e isso significa que teria menos paz.

Há pouca paz em nosso mundo, portanto estamos corretos em nos alegrar a cada passo dado em direção à paz, e em celebrar cada sinal de paz, como fazemos aqui nesta noite.

Para os cristãos, a ruptura entre judeus e gentios, seguida da ruptura entre judeus e cristãos, é a ruptura primordial na história da humanidade. Certamente, houve também tempos de boa vizinhança (de coexistência amigável) e nós não deveríamos esquecê-los. Mas, houve capítulos ainda mais escuros, culminando na insana ideologia do neo-paganismo racista nazista, que levou à situação planejada pelo estado e à tentativa sistematicamente executada de extinguir os guetos europeus, aos quais demos o nome de "Shoah". Muitos que escaparam deste crime sem precedente encontraram um novo lar aqui, no

Brasil, e em outros países da América Latina.

Durante sua visita histórica à sinagoga em Colônia, há dois meses atrás, o papa Bento XVI caracterizou corretamente os eventos daquele tempo: "Porque a santidade de Deus foi esquecida, a santidade da vida humana foi esmagada".

Naquele tempo, muitos cristãos não se comportaram como se esperava, mas os terríveis acontecimentos de então abalaram muitos cristãos tornando-os conscientes. Um deles foi o Papa João XXIII. Antes mesmo de se tornar papa, ele salvou muitas vidas judias. Em seguida à memorável visita do historiador judeu, Jules Isaak, o Papa deu o impulso para a declaração que eventualmente se tornou "Nostra Aetate". Depois do Concílio não houve praticamente ninguém que tenha feito mais para colocar esta declaração em prática do que o Papa João Paulo II, que, com efeito, merece ser chamado de verdadeiramente grande amigo do povo judeu no trono de São Pedro.

A declaração conciliar "Nostra Aetate" lamenta "todas as reações de ódio, perseguições, e manifestações anti-semíticas dirigidas contra os judeus em qualquer tempo e em qualquer lugar". Ela nos lembra da convicção partilhada entre judeus e cristãos que se encontra na primeira página da Bíblia, de que Deus nos criou a todos à sua imagem e semelhança (Gen 1, 27), ou seja, ele nos concedeu, a cada um de nós sem exceção, dignidade infinita. Portanto, todos os seres humanos são igualmente valiosos e importantes aos olhos de Deus, independente do povo, cultura ou religião a que pertençam. Todos nós constituímos uma única família.

A declaração "Nostra Aetate" portanto fala com grande respeito dos muçulmanos (NA 3) e dos seguidores de todas as outras religiões (NA 2). Com base na dignidade humana partilhada por todos, a Igreja Católica repudia "qualquer discriminação contra homens ou vexame por causa de raça ou cor, condição de vida ou religião" (NA 5). Condena muito severamente qualquer ato que oprima ou cause a morte de outros em nome de Deus. Não importa a origem de tais atos e contra quem sejam dirigidos, são um insulto a Deus e à humanidade.

A declaração "Nostra Aetate" dá um passo a mais, e é este passo que abriu um novo capítulo nas relações judeu-cristãs. Ela nos lembra as profundas raízes comuns e o rico patrimônio espiritual compartilhado que une judeus e cristãos. Como judeus e cristãos temos um pai comum na fé em Abraão (Gal 3, 7; Rom 4, 11s). Moisés e os profetas são parte de nosso patrimônio comum,

os salmos alimentam a espiritualidade de judeus e cristãos. Jesus era judeu, Maria, sua mãe, era uma mulher judia, e todos os profetas eram também judeus. Isso constitui um relacionamento entre judeus e cristãos, o qual é único na história da religião; nós, cristãos, somos conscientes da unidade com o judaísmo, que compartilhamos com nenhuma outra religião. Qualquer um que encontre o Cristo, encontra o judaísmo.

O apóstolo Paulo nos diz que Deus é fiel e que, portanto, os dons da graça de Deus e sua inclinação para com o povo judeu são irrevogáveis (Rom 11, 2). Com base nas raízes judaicas do cristianismo (Rom 11,16-24) o Papa João Paulo II chamou os judeus de nossos irmãos mais velhos na fé de Abraão.

Nestes quarenta anos desde a promulgação da "Nostra Aetate", muito foi feito para melhorar e intensificar as relações judeu-cristãs. Aqui não estou pensando somente nos documentos escritos em papel, mas acima de tudo no que teve lugar dentro de muitos corações e que agora neles está inscrito e impresso. Tenho em mente a colaboração entre os estudiosos e historiadores da Bíblia. Durante meus anos de estudante, aprendi muito com o grande exegeta, filósofo e teólogo judeu Martin Buber.

Ao mesmo tempo, é lógico, também tenho consciência do quanto ainda há para ser feito. Ainda precisamos nos conhecer melhor; precisamos continuar o diálogo iniciado entre judeus e cristãos.

A Igreja Católica se sente obrigada, acima de tudo, a transmitir o ensinamento da "Nostra Aetate" para as gerações futuras não contemporâneas dos horrendos acontecimentos de antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Isso é ainda mais significativo em vista da lamentável repetição dos sinais de anti-semitismo e formas de xenofobia. Posso-lhes garantir: novos sinais de anti-semitismo são causa de preocupação e de vigilância não somente para vocês, mas também para nós. Os temíveis eventos daquela época não devem se repetir. O que aconteceu então deve constantemente sacudir nossas consciências, exortar-nos em busca da paz, e estimular-nos a fazer um compromisso de tolerância, respeito, amizade e paz entre os povos, culturas e religiões.

Assim, não deveríamos simplesmente dirigir nossos olhares para o passado, mas também com direção ao futuro. Nossa herança comum e nossa recente conquista de um relacionamento amigável e fraternal nos obrigam a sempre maior testemunho partilhado e cooperação prática, quando nos

colocamos lado a lado, como a "Nostra Aetate" declara nas palavras do profeta Sofonias (3,9).

Compartilhamos os Dez Mandamentos (Ex 20, Dt 5) como uma herança e uma obrigação comum. O mundo seria um lugar diferente se os Dez Mandamentos fossem a orientação para todos os seres humanos nesta terra. Eles são capazes de lançar luz no caminho da vida, acima de tudo para os jovens que estão com freqüência buscando o sentido da vida. Devemos isso à juventude, transmitir-lhes nosso patrimônio compartilhado como luz e força para suas vidas.

Sim, devemos este testemunho a todos. Nós precisamos dedicar nossas energias não somente em palavras, mas também em obras na defesa e promoção dos direitos humanos e da santidade da vida humana, dos valores da família, da boa educação para nossas crianças, da justiça social, e da paz em todo o mundo. Nós devemos fazer um compromisso para que as forças do mal "nunca mais" tomem o poder, e que as gerações futuras tenham a chance de construir um mundo justo e pacífico para a humanidade, homens, mulheres e crianças. Eles, e nós também, só poderemos conseguir isso, se uma vez mais considerarmos seriamente o primeiro dos Dez Mandamentos e a reverência por um e único Deus, com isso, a reverência pela humanidade recuperará seu lugar correto no nosso mundo.

A música que agora ouviremos, é para expressar nosso louvor e agradecimento a Ele, o Todo-Poderoso, por ter tornado possível essa reconciliação; que ela possa também nos unir em uma recíproca e ainda mais profunda amizade. Shalom!

Theatro Municipal

São Paulo, 25 de Setembro de 2005